

## 4

### **Análise dos Dados**

Considerando as informações obtidas por meio das atividades desenvolvidas em colaboração com os alunos em sala, busco neste capítulo entender o posicionamento dos alunos em relação ao questionamento que desencadeou essa pesquisa, isto é, à circunstância envolvendo o livro didático. Logo, este capítulo diz respeito à apresentação das respostas da seqüência de APPE. Procurei disponibilizar os dados da forma mais elucidadora possível porque acredito que procedendo dessa maneira posso ter mais fundamentação para justificar os entendimentos que atingi, assim como contribuir para os prováveis entendimentos que os leitores possam vir a atingir ao interagirem com esse trabalho. As produções escritas pelos alunos não sofreram alterações, ou seja, optei por não fazer correções nos enunciados presentes nos desenhos e nem mesmo nos pôsteres. Somente reduzi o brilho em algumas ilustrações feitas a lápis para favorecer o melhor entendimento da imagem. Em função das limitações deste trabalho, a característica multimodal presente nas produções dos alunos não foi abordada. Porém, existe a possibilidade de ser abordada num estudo no tempo que há de vir.

#### **4.1**

#### **Apresentação e Análise das Atividades Pedagógicas**

Antes de iniciar o processo de co-construção dos dados primários, dei aos alunos uma explicação sobre a Prática Exploratória. Falei também da possibilidade de apresentarem o trabalho pedagógico e reflexivo realizado pelo grupo no 9º Encontro Anual de Prática Exploratória.

O início do trabalho em sala abordando tal questionamento teve início com a formação de grupos integrados por quatro alunos. Somente uma aluna não se associou a grupo algum e respondeu às perguntas individualmente. A investigação teve início no mês de Abril de 2007 e se estendeu até o mês seguinte.

### 4.1.1

#### APPE 1

Iniciei o trabalho de reflexão refletindo sobre a condição do uso do livro em sala, onde professor e alunos são participantes diretamente envolvidos de uma forma ou de outra. Três perguntas foram feitas aos alunos e cada grupo recebeu três folhas de papel A4 em branco para registrar as anotações relativas à pergunta correspondente. Agindo dessa maneira, o posterior agrupamento das respostas para serem usadas na atividade seguinte seria bem simplificado. As perguntas respondidas pelos alunos foram:

- a) Como você vê essa situação?
- b) Você tem alguma sugestão ou crítica?
- c) Como você se sente em relação a essa situação como aluno?

Optei por perguntas abertas porque perguntas desse tipo, segundo Nunan (2005: 143), “refletem de forma mais precisa o que o entrevistado quer dizer”. Na minha concepção, o termo *mais precisa* quer dizer que essas perguntas criam maior oportunidade para o entrevistado descrever, argumentar, se incluir na situação em questão. Enquanto os alunos procuravam dar respostas para as perguntas eu orientava alguns grupos que tinham dúvidas e alertava outros alunos que estavam se excedendo e, conseqüentemente, se distanciando do propósito da atividade. Esta etapa foi completamente desenvolvida em português, a fim de permitir que os alunos expressassem seus pontos de vista com fluência que não atingiram em inglês.

### 4.1.2

#### APPE 2

Ao ter o retorno dos alunos registrados, todas as respostas relativas a cada pergunta foram colocadas numa única página. Ou seja, todas as respostas dadas à primeira pergunta foram reunidas e o mesmo foi feito com as perguntas seguintes, como ilustram as figuras 2, 3 e 4 a seguir<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A escrita dos alunos foi mantida.

- ❖ É muito ruim não ajuda em nada.
- ❖ É chato por que o professor tem que ficar subindo e descendo escada com o peso dos livros, e quando ele chega na sala de aula é aquela zorra.
- ❖ Ruim, por que apesar do professor trazer os livros nós não aprendemos nada com o livro. Conclusão o professor carrega o livro atoa e pode de prejudicar nos movimentos da coluna.
- ❖ É muito desastroso, desce com o livro sobe com o livro. Isso desanima o professor.
- ❖ É incomodo, essa situação de o professor ter que carregar os livros de uma sala para outra. Ainda mais que os alunos ficam brincando ao invés de usar o livro. Até porque os alunos não podem levá-lo para casa.
- ❖ Uma situação normal, porque todos professores passam por isso.
- ❖ É chato né, é ruim quanto para os alunos, quanto para os professores, é difícil essa situação.
- ❖ É uma situação crítica pois não beneficia nem os alunos muito menos os professores, porque tem que carregar 40 livros diariamente de um andar para outro.
- ❖ De uma situação muito dificio, pois não tem livro para nem 1 terço dos alunos da escola.

Figura 2 – Respostas da primeira pergunta: *Como você vê essa situação?*

Examinando os enunciados gerados pela primeira pergunta trabalhei em busca das crenças dos alunos e pude constatar que eles consideram a situação realmente desagradável e nem um pouco favorável. Demonstraram também certa preocupação comigo e com a turma. Na visão deles, o fato de transportar os livros *de um andar para outro* pode ser prejudicial em função das conseqüências que pode acarretar a minha integridade física. Além dessa preocupação, eles parecem não acreditar que esse “esforço” que faço seja realmente válido, pois ao entrar em sala com os livros o modo como a interação ocorre não contribui para que os processos de ensino-aprendizagem aconteçam de forma harmoniosa, ou seja, é *aquela zorra; os alunos ficam brincando ao invés de usar o livro*. Já que acredito que o livro constitui uma *oportunidade de aprendizagem*, creio que a brincadeira citada anteriormente seja a tradução da maneira como alguns alunos utilizam suas oportunidades. Somente um grupo considerou a situação *normal*. Porém, são distribuídos (empréstimo) individualmente livros das disciplinas de Geografia, História, Ciências, Matemática e Português. Todos podem ser levados para casa e devolvidos ao final do 4º bimestre. Os que consideram a situação difícil parecem estar comparando com as outras disciplinas.

Entendo que se expressando dessa maneira, eles agem com empatia. Eles se projetam e se imaginam exercendo o meu papel que, segundo os próprios alunos, parece bem complicado. Outro aspecto mencionado: *não aprendemos nada com o livro*. Entendo que embora não tenham explicado o motivo, eles também se consideram prejudicados.

- ❖ Tem livros de outras matérias menos de Inglês falta material de inglês o que o governo faz com o dinheiro dos imposto só temos livros velhos das outras matérias mas de inglês não temos nem velho.
- ❖ Eles podiam doar os livros, pois facilitaria muito para todos os alunos e para o professor.
- ❖ Seria melhor se os livros fossem emprestados assim como os livros didáticos são, todos teriam a oportunidade de aprender até aqueles que não tem condições.
- ❖ Que o governo doasse o livro para a escola, já que nós temos que comprá-lo.
- ❖ Sugestão: fornecer-nos o livro de inglês como os demais livros didáticos.
- ❖ A escola pode entregar livro de Inglês Devia dar os livros grátis.
- ❖ O colégio poderia promover uma gincana, para arrecadar fundos e assim comprar livros para os alunos levarem para casa.
- ❖ Não trazer mais livros ou se não doar os livros, porque nem todos tem condições de comprar o livro.
- ❖ Que acabe com os livros e que deixe apenas um do professor para que o necessário do livro ele passe para nós com a colaboração dos alunos debateremos sobre o assunto para que pelo menos o básico possamos aprender melhor, pois pra que livro se quase não usamos.

Figura 3 - Respostas da segunda pergunta: *Você tem alguma sugestão ou crítica?*

A segunda pergunta *Você tem alguma sugestão ou crítica?* suscitou uma crítica relevante: a comparação do Inglês com as demais disciplinas que possuem seus respectivos livros. Doação e eliminação do livro apareceram como sugestões. A eliminação foi provavelmente citada porque faço uso do livro com pouca frequência e porque nem todos poderiam comprá-lo se fossem orientados a isso.

Segundo os alunos, a escola ou o governo poderiam se mobilizar de alguma forma para providenciar os livros. Essa colocação sinaliza que os alunos acreditam que os setores administrativos ou gerenciais envolvidos na aquisição e posterior distribuição de livros didáticos podem fazer algo para reverter o quadro. A partir dessa observação, entendi que eles estimam o livro: *fornecer-nos o livro de inglês como os demais livros didáticos*. Outras disciplinas possuem, por que não Inglês? Essa comparação feita com outras matérias revela a percepção do aluno do tratamento de caráter marginal que a língua estrangeira recebe nessa escola. Por decisão da Secretária de Educação três disciplinas

deixaram de ter caráter reprobatório. Isso, em longo prazo, traz conseqüências negativas que refletem no ambiente de sala de aula; na *qualidade de vida em sala* e, conseqüentemente, nos processos de ensino-aprendizagem, relação professor x aluno, e alunos entre si. A disciplina perde a credibilidade gradualmente e deixa de ser algo a se dedicar. O fornecimento de livros para as demais disciplinas e a não provisão de livros para Língua Estrangeira pode ser outra questão a ser investigada futuramente.

Há indícios no discurso destas respostas de que os alunos vêem o livro como *oportunidade de aprendizagem*. Nesse ponto há a convergência da minha crença de que por meio do livro *oportunidades de aprendizagem* podem ser pretendidas e geradas, e a crença dos alunos de que *se os livros fossem emprestados assim como os livros didáticos são, todos teriam a oportunidade de aprender até aqueles que não tem condições*. Entendi que ao destacarem esse ponto, os alunos demonstraram que raciocinam visando o bem da turma, pois estão atentos a isso e se preocupam com *aqueles que não tem condições*. Tal relato restitui os princípios 4 e 5 da Prática Exploratória que dão ênfase à união dos participantes e ao progresso de todos, respectivamente. Desse modo, a existência do livro para cada aluno, eles acreditam, tornaria a vida em sala de aula mais vantajosa e significativa para quase todo mundo.

As respostas para a terceira e última pergunta *Como você se sente em relação a essa situação como aluno?* (Fig. 4) revelam as impressões ou opiniões dos alunos em relação a si mesmos vivenciando uma situação anteriormente caracterizada como desfavorável. Em meio às colocações apresentadas constatei que há mais um ponto que evidencia nossas crenças de que o livro constitui uma *oportunidade de aprendizagem*. Como foi mencionado anteriormente, ele se torna a referência mais próxima dos alunos quando estão em casa: *quando queremos consultar o livro em casa não podemos; o livro possui informações que tornaram mais fácil a compreensão da matéria*.

- ❖ Mau, nos prejudica muito, pois não aprendemos e nem temos oportunidade disso.
- ❖ Nos sentimos prejudicados, pois o livro possui informações que tornaram mais fácil a compreensão da matéria.
- ❖ É ruim, levando em consideração com os professores que ficam o dia inteiro carregando livro, e nós quando queremos consultar o livro em casa não podemos.

- ❖ Não conseguimos aprender nada em inglês, e é muito chato ter que ficar copiando os exercícios do livro no caderno.
- ❖ Muito ruim, pois além do professor ter que carregar os livros para cima e para baixo, nós não podemos escrever neles e levar para casa.
- ❖ Fica ruim de estudar as matérias que o professor dar por que não tem o livro. Os alunos ficam perdidos, alguns não entendem.
- ❖ Que não podemos levar para casa isso atrapalha o ensino e o rendimento dos alunos pois tem um livro para cada aluno da escola na matéria de português, matemática.
- ❖ Muito chato, porque é o professor que sofre com isso. E nós sem livros.
- ❖ É constrangedor, porque o professor perde tempo, tendo que pegar os livros na cabine sempre que muda de turma.

Figura 4 - Respostas da terceira pergunta: *Como você se sente em relação a essa situação como aluno?*

Alguns relataram que a presença do livro pode contribuir para esclarecer eventuais dúvidas que naturalmente ocorrem, mas na ausência *fica ruim de estudar as matérias que o professor dar... os alunos ficam perdidos, alguns não entendem; nos prejudica muito, pois não aprendemos e nem temos oportunidade disso; não conseguimos aprender nada em inglês; isso atrapalha o ensino e o rendimento dos alunos*. Outro ponto apresentado, que na verdade é consequência da condição do uso do livro, diz respeito ao fato de não ser permitido usufruir do livro assim como nas outras disciplinas. *Que não podemos levar para casa isso atrapalha o ensino e o rendimento dos alunos pois tem um livro para cada aluno da escola na matéria de português*.

Percebi que os alunos, assim como eu, realmente consideram importante a existência do livro didático de Inglês em sala de aula para cada aluno, acreditam que é possível fazer uma mobilização para adquiri-lo e se sentem prejudicados por não terem essa fonte de consulta ao alcance das mãos – como acontece com outras matérias – quando não se encontram na escola. Eles também se mostram preocupados comigo e meu “sofrimento”. Acreditam na necessidade de todos terem boa *qualidade de vida na sala de aula*: sem tensões e sem sofrimento.

Nesse período transcorrido entre as APPE 2 e 3 estudamos também o *Present Continuous*. Fiz uma breve revisão (exposição oral; quadro-de-giz) sobre as três formas adquiridas pelo verbo *TO BE* no *Presente*, destacando a associação que têm com os respectivos pronomes pessoais. A partir dessa preliminar, demonstrei como são estruturadas as frases no *Present Continuous* (Afirmativa –

Negativa – Interrogativa) e fizemos três exercícios (cf. figuras 5, 6 e 7 no anexo 1) do livro *It's a New Way* (Goulart e Silva, 2004).

### **4.1.3**

#### **APPE 3**

De posse de todas as respostas devidamente agrupadas, optei por apresentá-las aos alunos para que pudéssemos dar mais um passo em nosso trabalho. Nessa etapa, cada grupo recebeu todas as respostas de cada pergunta acompanhada de uma folha A4 em branco para produzir desenhos considerando o que foi respondido. Isso foi realizado desse modo para que todos os grupos pudessem ter um maior número de opções em função do acesso às respostas dos outros colegas.

A ilustração a ser realizada poderia ser inspirada por uma única resposta ou um conjunto de respostas. Enquanto isso eu procurava encorajá-los a inserir qualquer informação que tivesse relevância para eles caso essa informação não estivesse fazendo parte das respostas. Foi um dos momentos em que os alunos se sentiram mais entusiasmados porque a ilustração não necessitava ser realizada por um único aluno. Todos, segundo suas aptidões e limitações, puderam dar suas sugestões sobre o que inserir nos desenhos e outras contribuições. A figura 8 abaixo é uma das ilustrações criada pelos alunos durante essa atividade e representa a situação de indisciplina que se instala na sala de aula no intervalo de uma aula para outra. Isso ocorre enquanto vou até a cabine buscar os livros.

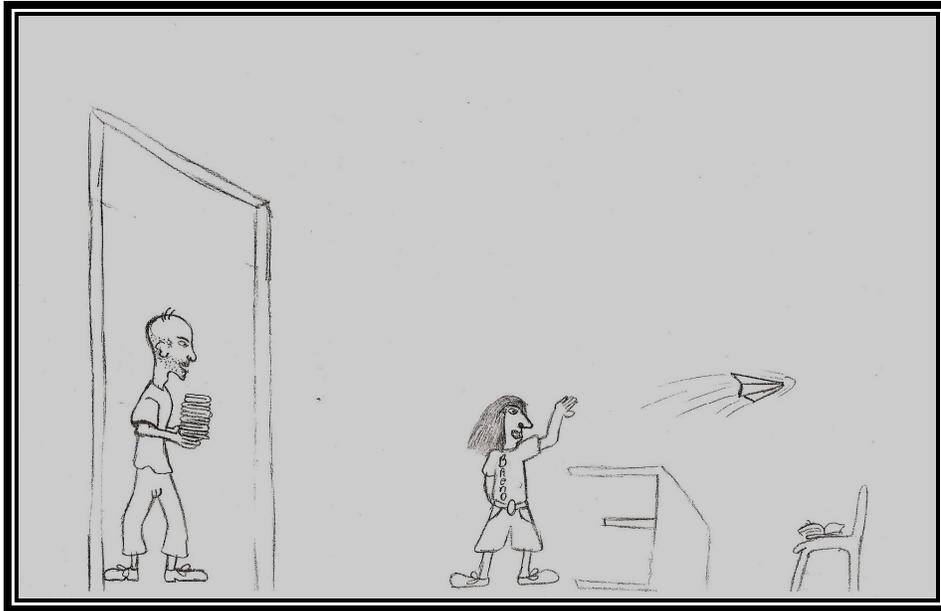


Figura 8 - APPE 3

Um dos aspectos abordados nessa atividade é retratado nos desenhos inspirados nas respostas dirigidas à primeira pergunta. A preocupação direcionada aos riscos inerentes ao deslocamento que faço carregando os livros e os danos que isso pode causar a minha saúde figura-se como outro aspecto abordado e retratado nas figuras 9, 10, 11 e 12.



Figura 9 – APPE 3

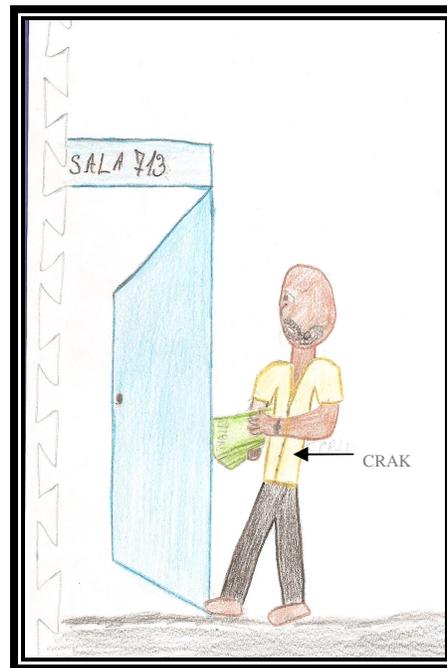


Figura 10 – APPE 3

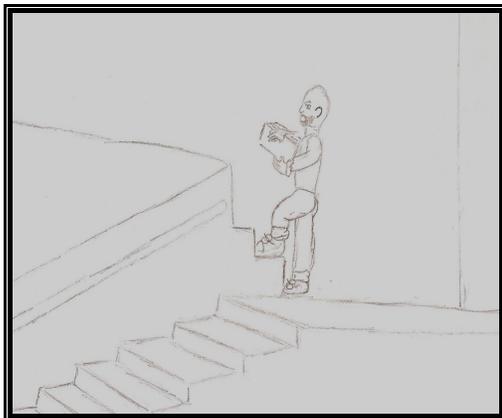


Figura 11 – APPE 3



Figura 12 – APPE 3

Creio que tenham retratado isso porque se imaginaram no meu lugar. Considero meio incomum ter que carregar livros de uma sala para outra ou de um andar para o outro. Contudo, embora o transporte seja desajeitado, não considero a carga (40 livros) em si pesada para um adulto do sexo masculino. O peso dos livros não me incomoda e não me sinto fisicamente lesado. É a circunstância envolvendo os livros que me intriga.

Outra questão que entendi ser bem evidente diz respeito ao comportamento em sala de aula quando chego com os livros e durante o período em que são utilizados. Nos intervalos de uma aula para outra creio que seja normal os alunos se sentirem mais à vontade. Tenho turmas que são mais serenas e interessadas, assim como outras que são mais dinâmicas. Porém, ao se distanciar do propósito de estar a serviço do ensino-aprendizagem numa sala de aula, o dinamismo torna-se excessivo e pode ser comprometedor. As figuras abaixo constituem um exemplo do retrato que os alunos fazem do que acontece durante minha ausência para buscar os livros.

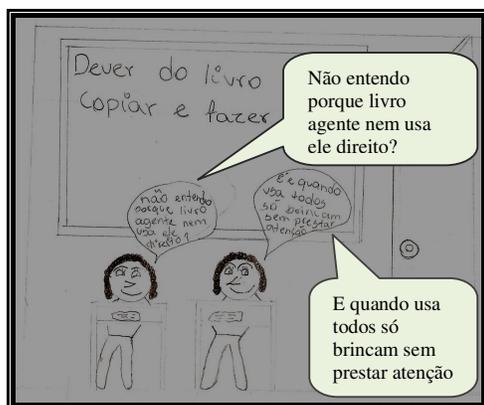


Figura 13 – APPE 3



Figura 14 – APPE 3

Além do comportamento e a preocupação comigo, as ilustrações também destacam algumas possibilidades ou meios para adquirir os livros didáticos. Os exemplos que apareceram são: ir até uma livraria e comprar o livro, doações, ir até a biblioteca, *o colégio poderia promover uma gincana para arrecadar fundos e assim comprar livros para os alunos levarem para casa* e distribuição regular dos livros pela própria escola.

A figura 13 no meu entendimento também pode ser considerada uma crítica direcionada ao trabalho realizado com o livro. O diálogo dos alunos retratados nessa ilustração representa as crenças que eles possuem sobre o uso do livro, que no tempo que há de vir poderiam ser investigadas. O que vem a ser *usar o livro direito*? Por que o trabalho com o livro não é motivador? De quem é a responsabilidade? Os dizeres escritos no quadro é um reflexo de uma das respostas que aparece na figura 4: *é muito chato ter que ficar copiando os exercícios do livro no caderno*. Tal declaração associada à informação que aparece no quadro da figura 13 traduz o descontentamento dos alunos quando são orientados a transcrever informações do livro para o caderno.

A figura 14 mostra a brincadeira em sala no instante em que chego com os livros didáticos. Assim como na figura 8, esse desenho reproduz de forma enfática o ambiente que se instala em sala de aula no período em que me desloco para pegar os livros.

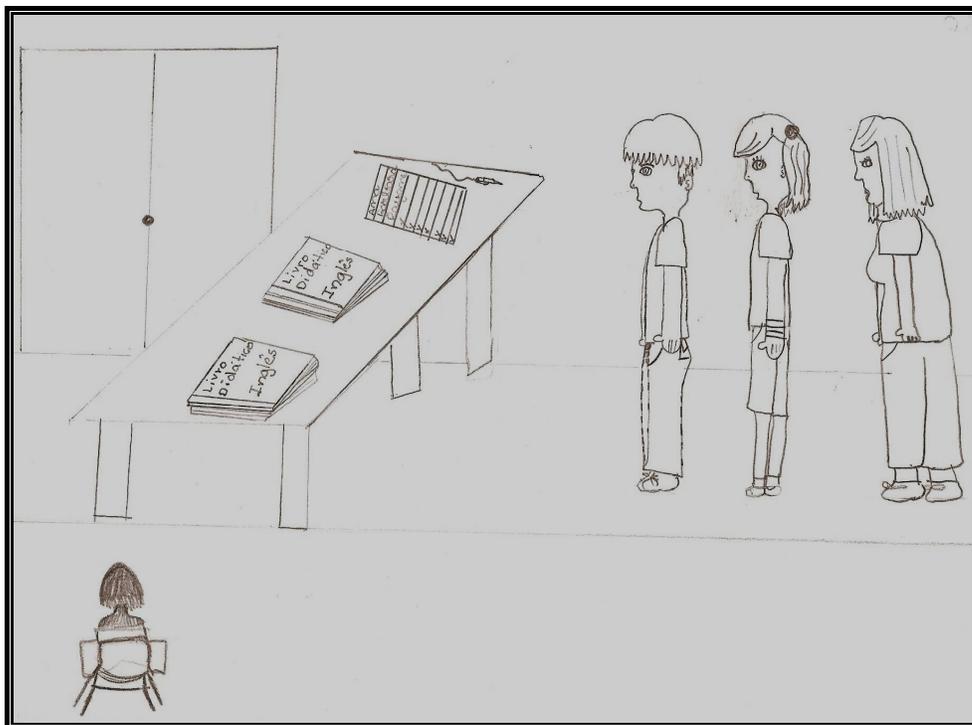


Figura 15 - APPE 3

Além do comportamento e a preocupação com minha saúde devido aos deslocamentos que preciso fazer carregando os livros didáticos, a figura 15 se relaciona com as propostas de ir até a biblioteca ou livraria para comprar um livro e com a possibilidade da própria escola se organizar para promover algum tipo de evento direcionado à aquisição dos livros ou distribuição regular como é feito nas outras disciplinas. Já a figura 16 representa a possibilidade de promover algum tipo de campanha onde os livros de inglês seriam doados.



Figura 16 – APPE 3

Assim como as respostas obtidas na APPE 1, os pontos de vista distintos e as diferentes sugestões que aparecem aqui representadas sob a forma de desenhos indicam que ao refletir e pensar sobre a conjuntura, ocorre a manifestação do caráter social de formação das crenças, pois são as experiências, valores e interesses, por exemplo e entre outros, que regulam suas escolhas e opções.

A idéia final que os desenhos sugerem, segundo meu entendimento, diz respeito às impressões que os alunos detêm acerca de si mesmos como aprendizes. Examinando as produções que inseri nessa “categoria” constatei que eles se sentem numa posição incômoda, prejudicados. Os sinais de dúvida, as declarações afirmando que não conseguem aprender nada, o choro e a insatisfação de ter que reproduzir informações do livro para o caderno faz com que os alunos se sintam prejudicados. Isso pode ser traduzido por meio das figuras 17 e 18.

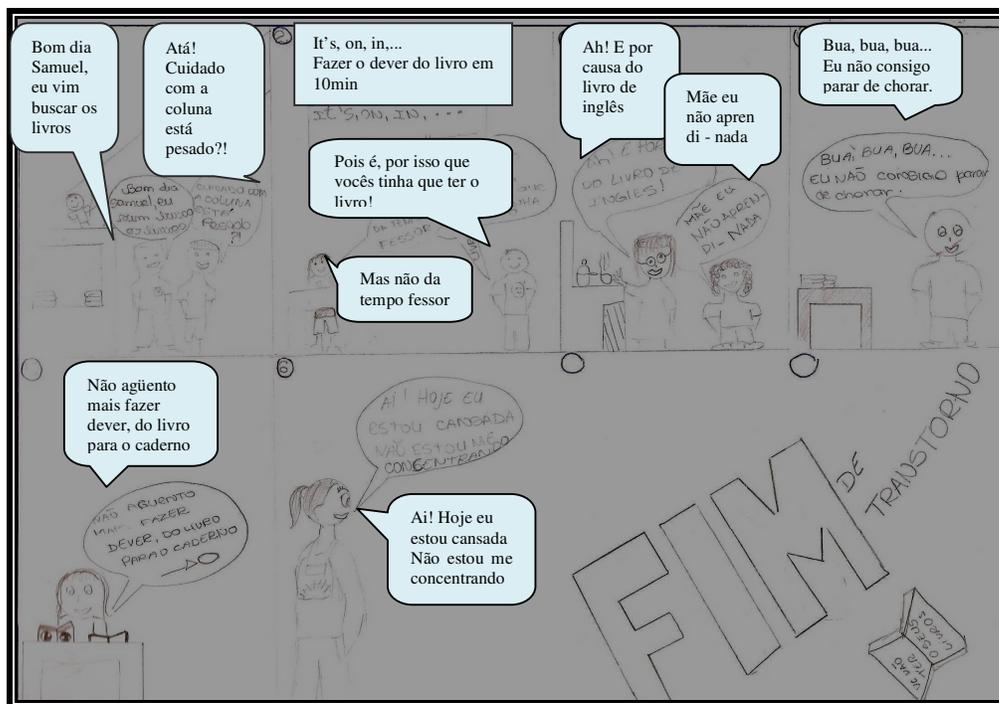


Figura 17 – APPE 3

A figura 17 revela que ao chegar à cabine para pegar os livros o funcionário já me dá um alerta para que tome *cuidado com a coluna*. Em seguida, em sala de aula, sou retratado pedindo a turma para fazer um exercício do livro e um dos alunos se manifesta dizendo que o tempo é curto. Quando esse mesmo aluno representado na ilustração chega a sua casa, sente-se mal por não ter aprendido nada e lamenta tristemente diante de sua mãe o ocorrido. Esse quadro é um reflexo das crenças do mal-estar vivido em sala de aula. A falta de livros e a necessidade de copiar fazem com que outro questionamento apareça: essa é a única forma de trabalhar? Ou seja, os alunos estão me oferecendo uma grande oportunidade para pensar se haveria outra forma possível de trabalhar. Entre as possibilidades, creio que entrar em contato com professores de outras unidades escolares e tomar conhecimento de como tem sido suas práticas pedagógicas em face à condição estabelecida pela FMES em relação ao livro pode ser um revelador e proveitoso procedimento. Assim como apresentar esse novo questionamento aos próprios alunos para que juntos possamos refletir sobre o assunto.

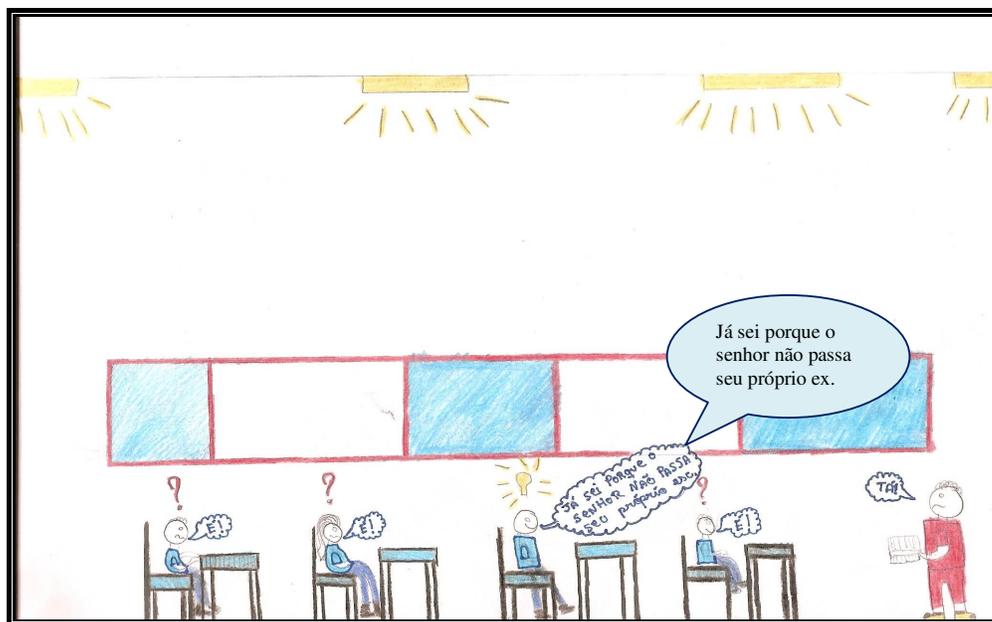


Figura 18 – APPE 3

Na figura 18 temos a representação da sala de aula centrada no professor, no livro, etc. É possível perceber a representação da passividade dos alunos, da “eternidade” do tempo pedagógico transcorrido em salas de aula tradicionais onde a interação é concentrada no professor, no livro e no quadro-de-giz.

Os principais aspectos abordados pelos alunos nesse estágio do trabalho em que realizaram vários desenhos inspirados nas respostas da atividade anterior foram a preocupação comigo durante o transporte dos livros didáticos, o comportamento, os possíveis recursos a serem empregados para adquirir os livros e a impressão deixada pelo quadro que vivenciam. Todos esses aspectos representados pelas ilustrações resgatam as três perguntas feitas na APPE 1 e estão dispostas nos anexos.

#### 4.1.4

#### APPE 4

Após a conclusão dos desenhos integramos o *trabalho para entendimento* nas práticas usuais de sala de aula: 6º princípio da Prática Exploratória. Criei uma situação onde *trabalho-para-entender* e atividade pedagógica de caráter lingüístico se aliaram. Para efetuarmos esse feito, houve um momento em que todas as ilustrações ficaram expostas em sala de aula de modo que os alunos

pudessem usar o *Present Continuous* para descrever o que estava acontecendo em cada desenho. Essa etapa de descrição dos desenhos foi registrada em *papéis Anote & Cole 76 mm x 102 mm amarelos (pôsteres)*. Antes que fizessem a descrição em si, dei mais uma explicação sobre o *Present Continuous* como revisão para que resgatassem as noções e as colocassem em primeiro plano.

O próximo passo foi escrever algumas perguntas no quadro para orientá-los acerca das descrições que poderiam fazer a respeito da ilustração que lhes aproovesse. As perguntas foram: *What's going on? What are they doing? What is he/she doing?* Durante esse período os alunos tiveram a oportunidade de associar o tópico gramatical que estávamos trabalhando aos trabalhos reflexivos que eles mesmos produziram. Na primeira oportunidade, percebi que a maioria teve dificuldade considerável para se expressar utilizando o inglês como mostram as figuras 19 e 20. Entre os motivos que geram essa dificuldade,

O ensino de línguas priva os alunos de seus meios de comunicação normais e desse modo da habilidade de se comportar inteiramente como pessoas normais. Ele tira alguma coisa de sua humanidade. Alguns alunos relatam com convicção que uma de suas maiores preocupações é que quando forçados a usar a língua que estão aprendendo eles regularmente se sentem como se estivessem se expressando de forma insatisfatória, demonstrando sua personalidade parcialmente, somente um pouco de sua verdadeira inteligência (Allwright e Bailey, 2004: 173).

A insatisfação parece surgir em função da restrição semântica conferida pela língua alvo quando seu uso se faz necessário. A expressividade do usuário em processo de aprendizagem fica comprometida porque ainda não possui conhecimento suficiente a respeito da língua para se expressar de forma plena e espontânea. O incômodo, a ansiedade e a inquietação constituem uma espécie de sintoma de uma competência comunicativa em desenvolvimento. Em ocasiões como essa, a língua materna é o que faz o usuário 'se sentir em casa'.

Esta foi para mim uma oportunidade ímpar para entender a produção escrita e livre dos meus alunos. Percebi uma dificuldade significativa relativa aos conteúdos de séries anteriores a partir do primeiro contato que tivemos. Durante essa atividade, aqueles que tentavam formar as frases em inglês constantemente solicitavam a minha ajuda perguntando como escrever determinada palavra. Outros encontravam esse mesmo tipo de apoio em seus dicionários. Foi um

verdadeiro trabalho pedagógico colaborativo em ação: o professor a serviço do aprendizado dos alunos.

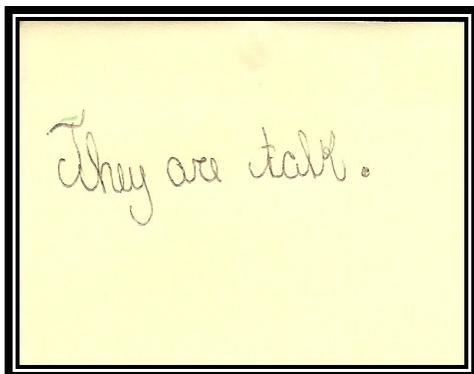


Figura 19 – APPE 4

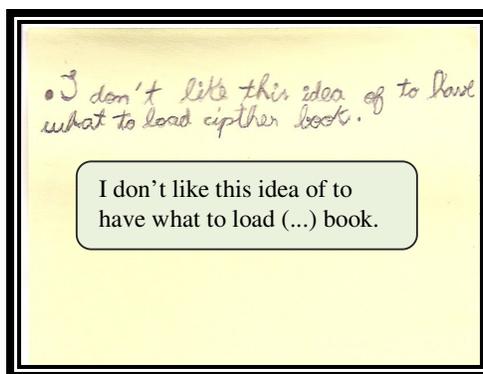


Figura 20 – APPE 4

Consciente desse fato ao continuarem a APPE 4, na aula seguinte (cont. APPE 4) permiti que quando necessário usassem o português para descrever de forma mais espontânea e detalhada suas ilustrações. Isso fez com que a participação fosse mais efetiva. Neste momento, em minha função de professor exploratório, entendi que a reflexão poderia ser focalizada, criando espaço para o trabalho lingüístico a ser desenvolvido. Percebi que alguns alunos observavam vários desenhos e deixavam seus registros fixados. A figura 21 e os comentários a respeito dela (Fig. 22 e 23), ilustram essa etapa do trabalho. Reescrevi os comentários que foram fixados no desenho para obter uma melhor visualização e facilitar a compreensão do leitor, e destaquei alguns trechos e palavras usando o programa *Paint*. Porém, os pôsteres perfeitamente legíveis não necessitaram desse procedimento. As demais ilustrações podem ser encontradas nos anexos.



Figura 21 – APPE 4

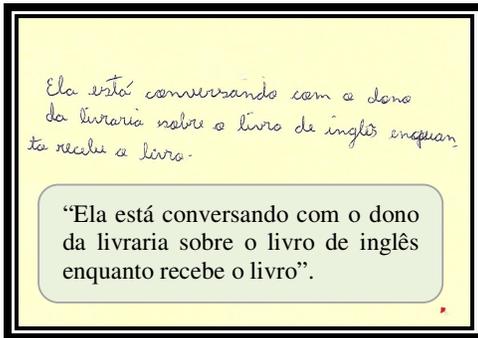


Figura 22 – APPE 4

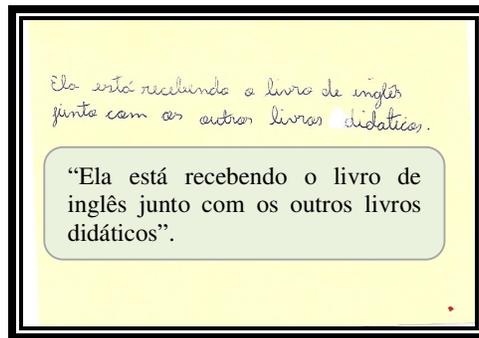


Figura 23 – APPE 4

## 4.1.4.1

## Das “Saídas”

A disposição das opiniões e ilustrações dos alunos em ‘categorias’ foi motivada pelas tematizações, noções e/ou aspectos que suas produções sugeriram ou propuseram.

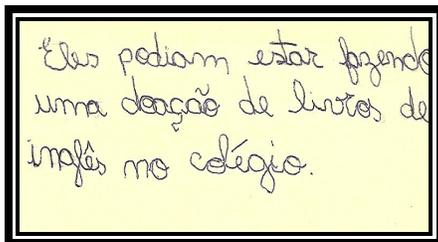


Figura 24 – APPE 4

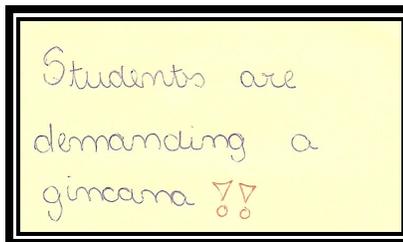


Figura 25 – APPE 4

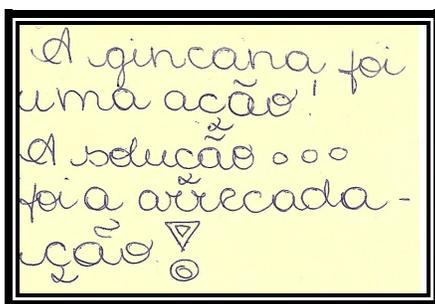


Figura 26 – APPE 4

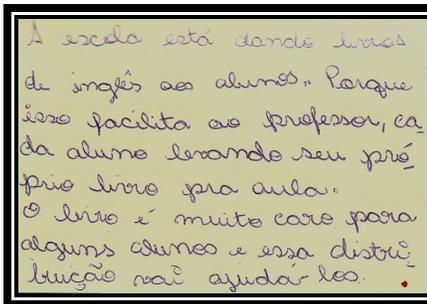


Figura 27 – APPE 4

A escola está dando livros de inglês aos alunos. Porque isso facilita ao professor, cada aluno levando seu próprio livro para a aula. O livro é muito caro para alguns alunos e essa distribuição vai ajudá-los

As descrições realizadas foram baseadas no que está acontecendo nas ilustrações e o que os participantes e sujeitos nelas representados estão fazendo. Dessa forma, os comentários das figuras 24 a 27 foram sugeridos pelas figuras 15 e 16, onde os alunos retrataram a aquisição do livro em livrarias, a escola entregando os livros didáticos, as doações, a biblioteca e a gincana. Algumas dessas descrições são representadas pelas figuras 24 a 27.

4.1.4.2

Dos Relacionamentos Vivenciados em Sala de Aula

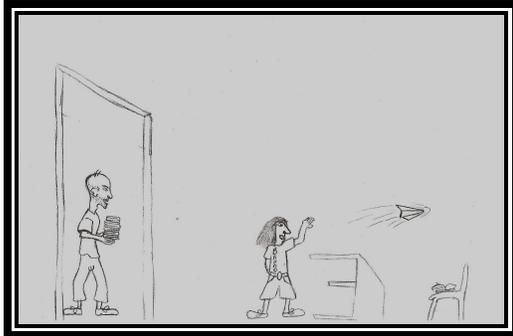


Figura 8 - APPE 3



Figura 13 – APPE 3



Figura 14 – APPE 3

Os alunos conversando como os livros dão oportunidade de que os alunos façam a bagunça, e não de aprender.

Students are messing around When we are using the book

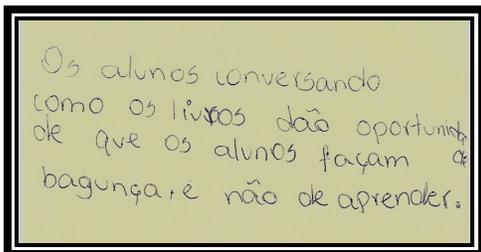


Figura 28 – APPE 4

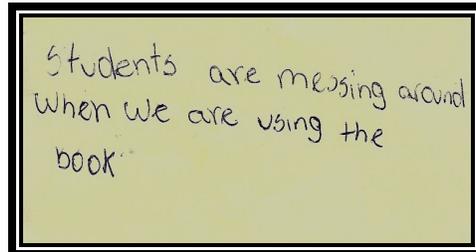


Figura 29 – APPE 4

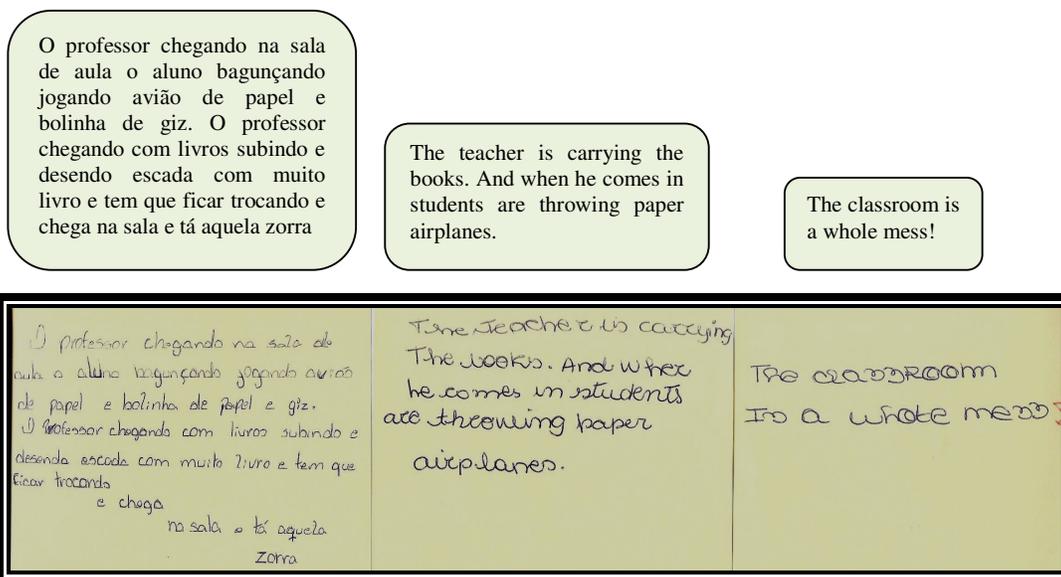


Figura 30 – APPE 4

Os comentários inseridos nas figuras 28-30 também enfatizam a interação aluno x aluno e aluno x livro. Nesse caso, a *qualidade de vida em sala de aula* é comprometida e negativamente afetada, pois há uma espécie de inversão de valores em função do excessivo dinamismo e dispersão dos alunos nas aulas em que o livro é utilizado. *Oportunidades de aprendizagem* são transformadas em *oportunidades para fazer bagunça*. As figuras 8, 13 e 14 apresentadas anteriormente ilustram esse ponto de vista. Nessa etapa do trabalho alguns alunos tiraram proveito da oportunidade e se esforçaram para fazer os comentários em inglês sozinhos com o auxílio do dicionário ou solicitando minha ajuda.

## 4.1.4.3

## Do Professor

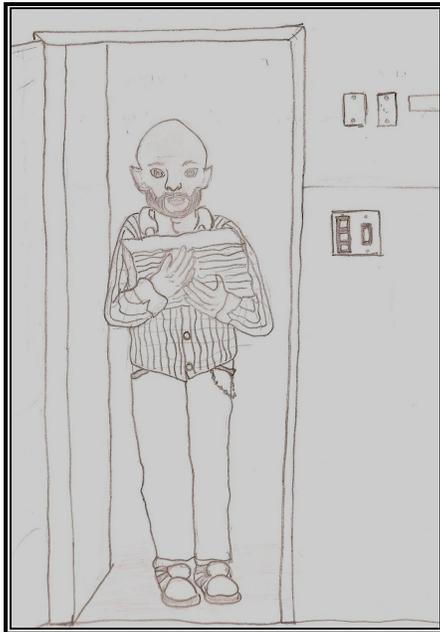


Figura 31 – APPE 4

O professor está carregando os livros. E isso pode causar danos a saúde dele  
O professor está carregando os livros, isso prejudica somente á ele?

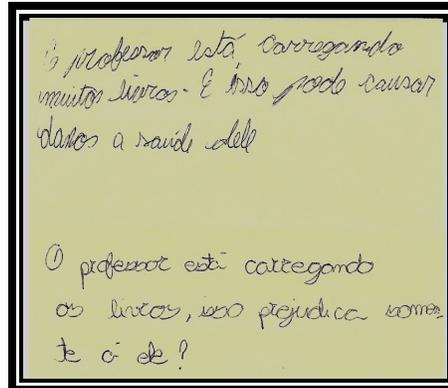


Figura 32 – APPE 4

O professor está carregando os livros de inglês. O professor já está se prejudicando, pois isto está interferindo na sua saúde. Todos os dias têm que subir e descer com 40 livros e (isso) não é valorizado por muitos alunos.

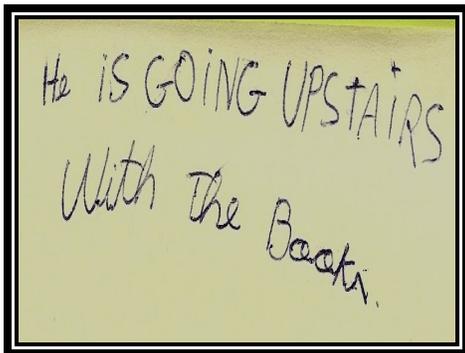


Figura 33 – APPE 4

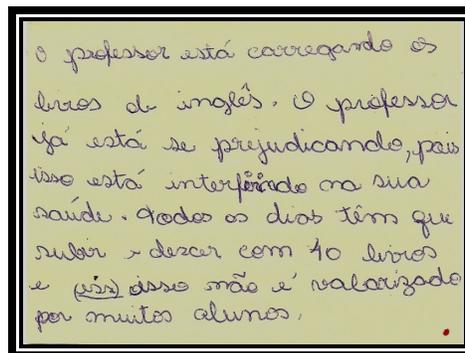


Figura 34 – APPE 4

Muitas descrições foram direcionadas ao ato de carregar os livros e os prováveis danos que isso pode ocasionar a minha saúde. Elas concentraram-se nas figuras 9, 10, 11, 12 e 31 apresentadas de antemão, e 32 a 34. Esse destaque pode estar associado à situação dos professores de outras disciplinas que caminham pelos andares do colégio com os diários e apagador enquanto eu faço a diferença “carregando cerca de 40 livros”. Acredito que os alunos fizeram uma espécie de comparação e qualificaram a situação como bem desconfortável.

#### 4.1.4.4

#### Das Impressões De Si

Há também os pôsteres que descrevem as impressões dos alunos. Esses retratam a face que considero mais agravante: afastar-se do objetivo principal, isto é, não conseguir aprender por conta das interferências indesejáveis e inapropriadas que se instauram nas aulas em que usamos o livro. A figura 17 e os comentários abaixo traduzem perfeitamente as impressões detidas pelos alunos a partir desse contexto.

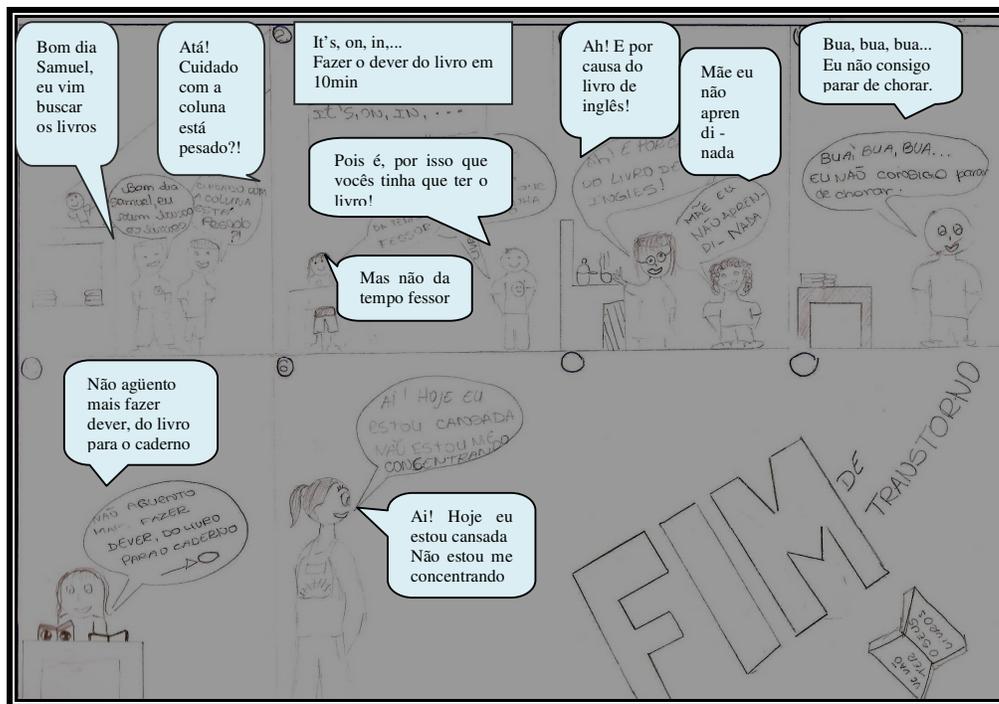


Figura 17 – APPE 3

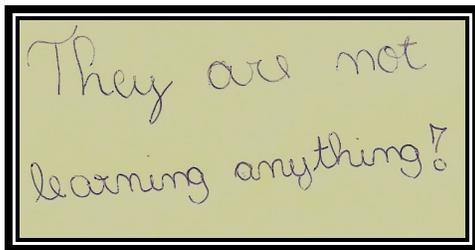


Figura 35 – APPE 4

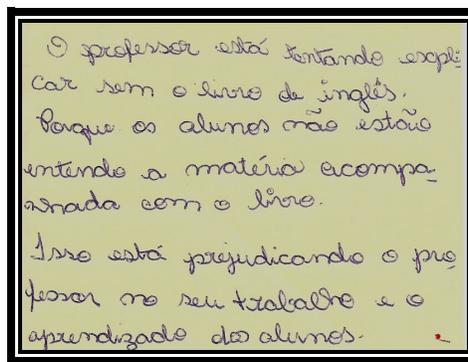


Figura 36 – APPE 4

#### 4.1.4.5

#### Do Entendimento das APPE

Em seguida, os alunos registraram seus entendimentos acerca da atividade em si em papéis Anote & Cole 76 mm x 102 mm verdes. Suas crenças ficaram mais patentes através dos registros de suas opiniões acerca do trabalho que desenvolveram em sala. Contudo,

nós não percebemos tudo da mesma maneira. Também percebemos coisas diferentes de diferentes maneiras, em momentos diferentes. Dependendo dos nossos diversos interesses e propósitos, priorizamos alguns aspectos, o que geralmente é um processo não-consciente de atenção seletiva, e deixamos outros em segundo plano (Allwright e Miller, 2001).

Analisando os comentários percebo que o trabalho em grupo objetivando melhores entendimentos acerca de uma questão que nos intriga, proporcionado pela Prática Exploratória, é, na visão dos alunos, uma excelente alternativa. Entre as vantagens ou benefícios proporcionados pelo trabalho em equipe onde os participantes se encontram num constante diálogo e negociação de sentidos, os alunos citaram:

- ❖ pensar melhor;
- ❖ aprender a conviver com as pessoas;
- ❖ nos conhecer melhor;
- ❖ um ajuda o outro;
- ❖ unir a sabedoria de todos;
- ❖ as tarefas são divididas;
- ❖ expandir as nossas mentes;
- ❖ nos ajuda a ter liberdade de expressão;

- ❖ estimula a mostrar o que nós achamos, botar pra fora os nossos sentimentos.

A única reserva a respeito do trabalho em grupo é representada pela figura 36 abaixo. Entretanto, na mesma observação, notei a crença de que existe maior liberdade de expressão quando trabalhamos de forma conjunta. E isso não deixa de ser um tipo de reconhecimento das vantagens proporcionadas pelo trabalho em equipe.

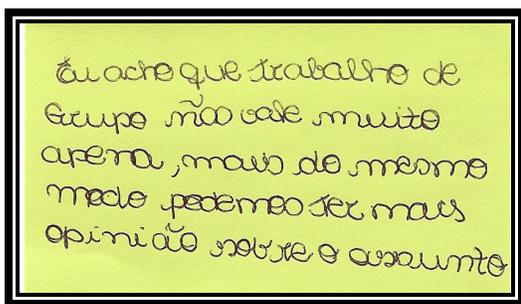


Figura 37 – APPE 4

Dessa forma, seus entendimentos nutrem a idéia de que as atividades que aconteceram em sala os aproximaram e, de certa forma, promoveram o desenvolvimento daqueles que se envolveram (Fig. 38).

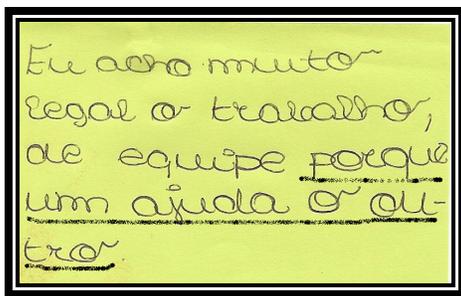


Figura 38 – APPE 4

Observando os comentários realizados pelos alunos, consegui “ouvir” os princípios 1, 3, 4 e 5 da Prática Exploratória “ecoando” ao longo de suas colocações. Acredito que a *ajuda* se traduza em melhores entendimentos da questão ou uma melhora na *qualidade de vida em sala de aula*, que irá favorecer todos os participantes. A crença de que *a cada vez mais podemos nos conhecer* remonta a questão do cultivo do terreno propício para o surgimento das

*oportunidades de aprendizagem*. Enquanto que *as pessoas podem se expressar* demonstra que os alunos se sentiram inseridos como participantes ativos nas atividades pedagógicas com potencial exploratório.

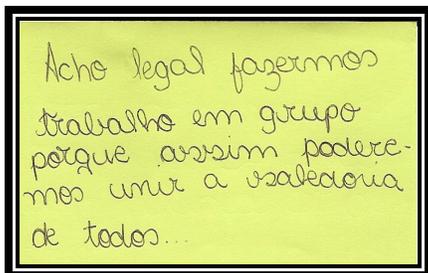


Figura 39 – APPE 4

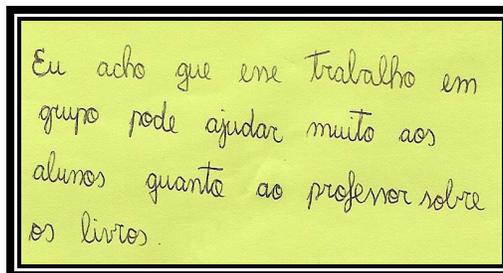


Figura 40 – APPE 4

Todos os registros enaltecendo o trabalho conjunto (Fig. 39 e 40) e a aproximação que estabelecem com os princípios da PE confirmam a afirmação de Davis (1999) acerca da preciosidade da contribuição alheia e a noção de desenvolvimento pleno por meio do aprendizado adquirido na interação com seus semelhantes proposta por Vygotsky e apresentada por Ratner (1995). Outra nota dos alunos após conclusão da APPE 4 foi: *Valeu apena, nós aprendemos muito!*



Figura 41 – APPE 4

Em alguns desenhos com suas respectivas descrições (pôsteres amarelos) - que podem ser vistas nos anexos - os alunos abordaram e retrataram claramente a questão da influência que o comportamento tem exercido nos processos de ensino-aprendizagem assim como no surgimento das *oportunidades de aprendizagem*. Isso demonstra, no meu entender, que a preocupação com a *qualidade de vida em sala de aula* se fez presente em suas produções, pois o ambiente que temos em sala de aula não é o mais conveniente e, por conta desse fato, necessita ser contemplado sob um ângulo que nos permita compreender melhor a natureza dos

fatos que interferem negativamente nesses processos por intermédio das interações que ocorrem em sala. A interação não está a favor do desenvolvimento do conhecimento comum proposto por Moita Lopes (2006). Percebo que há certa depreciação ou incompreensão dessa qualidade enquanto condição para a concepção de situações que desencadeiem ou proporcionem *oportunidades de aprendizagem*. Essa carência de discernimento pode estar justamente atrelada à incompreensão citada anteriormente ou associada ao status ocupado pela disciplina na grade curricular, por exemplo.

O status de uma disciplina em determinado contexto pode gerar tensões no professor à medida que ela não é valorizada como importante pelos alunos e outros membros da comunidade escolar. Nas últimas décadas o inglês vem sendo colocado à margem em relação às outras disciplinas, o que se reflete, por exemplo, na baixa da carga horária da matéria. Esta marginalização influencia o comportamento dos profissionais e alunos de diversas escolas regulares (Dutra-Oliveira, 2006: 182).

Esse questionamento (necessidade de contemplação exposta acima) decorrente das atividades que realizamos procurando entender melhor a questão em torno do livro didático em nossa sala, abre margem para que outra investigação que focalize esse tema possa ser desenvolvida futuramente seguindo o mesmo paradigma teórico-investigativo adotado nesse trabalho.

Ao trazer à tona suas impressões, entendi que os alunos não se comprazem em ter que fazer transcrições do livro para o caderno e demonstram encontrar dificuldades para aprender porque se sentem afetados por aqueles que não estão colaborando para que o ambiente em sala seja mais agradável. Nesse ponto, vejo que reconhecem que o papel do aluno envolve responsabilidade quanto aos processos de ensino-aprendizagem e construção de um ambiente melhor. Tal reconhecimento os deixa mais atentos e fortalece seus entendimentos acerca da vida em sala de aula.

Outro aspecto levantado diz respeito ao envolvimento social como possibilidade de melhoria da condição do livro na escola. Essa idéia pode ser respaldada pelo fato da escola ser mais um dos segmentos que integram a vida social de cada aluno (van Lier, 1988). Orientados por suas próprias crenças, os alunos acreditam que uma maior mobilização por parte do colégio para criar meios de obter os livros didáticos de inglês e a aquisição em livrarias podem transformar-se em contribuições representativas.

Confesso que fiquei admirado com as produções que representam os problemas que posso ter se continuar carregando os livros de um lado para o outro. Como a questão gira em torno das circunstâncias envolvendo o livro, não imaginava de forma alguma que fossem me incluir como um dos destaques, pois mesmo sendo um dos participantes, meu raciocínio estava completamente direcionado à questão do livro como ponto de referência mais próximo assim como nas outras disciplinas. Os alunos contemplaram esse ponto, mas como os considero o foco de atenção principal em função de toda a situação que atravessamos, me senti surpreendido ao constatar a evidência de minha pessoa por meio da preocupação voltada para minha integridade física.

Em se tratando dos entendimentos alcançados pelos alunos acerca das APPE, vi que o trabalho em grupo permitiu uma maior aproximação proporcionando maior liberdade de expressão, conhecimento das habilidades alheias, reflexão, aprender a conviver com as diferenças (os outros), despertar da consciência, etc. como se vê nas figuras 41 a 44.

Acho esse trabalho muito importante, não só para o professor, mas para os alunos também. Isso nos ajudou a pensar melhor em muitas sugestões.

Figura 41 – APPE 4

Mas não basta se os livros serem mudados, mais também a colaboração dos alunos em relação ao professor.

Figura 42 – APPE 4

Todas essas sugestões se colocadas em prática, vai ajudar muito a escola e os alunos, principalmente aqueles que realmente querem aprender.

Figura 43 – APPE 4

Zabreu apenas, pois aprendemos muito! 📌

Figura 44 – APPE 4

Analisando os entendimentos dos alunos, compreendi que embora tenham considerado o livro didático uma ferramenta importante assim como eu também acredito que seja, eles alertaram que caso consigamos adquirir os livros, isso não contribuiria significativamente ou não adiantaria muito em relação à qualidade de vida, aos processos de ensino-aprendizagem e surgimento de oportunidades de aprendizagem por causa da qualidade da interação existente em sala. Uma vez que temos a realização contínua como um dos princípios da PE, trata-se de outro questionamento despertado durante o trabalho e suscetível de ser investigado posteriormente.

#### **4.1.5**

##### **APPE 5**

O trabalho realizado pelos alunos foi exposto no 9º Evento Anual de Prática Exploratória. Porém, eles não foram liberados pela fundação para participar do evento. Foi tudo bem dentro de sala e na escola até que chegou o dia de pedir para ir ao Evento. Conversei com a Diretora sobre a possibilidade de levar os alunos ao Encontro e ela concordou, mas como as Direções dos colégios da FMES não têm autonomia absoluta, a palavra final teria que ser dada pela Diretora Geral da FMES. Fui orientado a aguardar o retorno da conversa que a Diretora do colégio teria com a Diretora Geral da FMES.

Ciente da relevância da presença dos alunos no evento, voltei à Direção para obter o retorno na mesma semana e fui comunicado que deveria comparecer até a sede administrativa da FMES para falar pessoalmente com a Diretora Geral. Além disso, a Diretora deixou bem claro que dificilmente eu conseguiria liberação dos alunos para levá-los até o Rio de Janeiro. Em seis semanas não seria possível fazer o levantamento do número de alunos que realmente iriam ao evento, comunicar aos responsáveis e obter a autorização dos mesmos; providenciar o meio de transporte, selecionar os funcionários da escola que teriam disponibilidade para acompanhar os alunos durante a viagem, etc.

Ainda com as colocações nada favoráveis apresentadas pela Diretora em mente, fui até a FMES para o encontro com a Diretora Geral. Ao chegar ao local do encontro, tive a impressão de que era uma verdadeira reunião. Havia cinco

pessoas ao redor da mesa e eu fui o sexto a ocupar uma das cadeiras disponíveis. Foi como se estivesse diante de um comitê de avaliação.

A Diretora, uma professora de Português e mais três assistentes prontos para tomar conhecimento do que a turma 713 fizera como atividade exploratória. O mesmo relato que havia feito na escola onde trabalho diante da Diretora foi reproduzido novamente. Todas as ilustrações, entendimentos e comentários que os alunos fizeram a partir dos desenhos foram vistos por cada componente. Ao chegar nesse ponto, e desde o início eu compreendia que eles desconheciam completamente os princípios da Prática Exploratória. Tinha plena consciência de que a perspectiva sincrônica característica do estudo exploratório era uma grande novidade.

Um importante ponto discutido durante a reunião foi colocado pela Diretora Geral e dizia respeito aos conteúdos e avaliação dos alunos. Em princípio ela pensava que eu estivesse realizando as mesmas atividades em outras turmas. Já que ninguém conhecia os princípios da Prática Exploratória, imaginaram que para realizar o estudo eu teria que burlar a programação, o conteúdo. Aproveitei a ocasião e, de posse de algumas ilustrações e outras produções dos alunos, expliquei que estávamos abordando e procurando entender melhor a condição do uso dos livros na escola usando o *Present Continuous*. Ou seja, uma atividade pedagógica com potencial exploratório. E que antes dessa etapa, durante o processo de ilustração de toda a situação, participamos de uma atividade pedagógica com potencial reflexivo em que os desenhos se tornaram a forma materializada das reflexões que os próprios alunos fizeram em grupo sobre a situação que vivíamos.

No que diz respeito à avaliação, a preocupação era em relação à nota. Quiseram saber se os alunos receberiam alguma pontuação pelo trabalho e caso não fossem ao evento o que aconteceria em termos de nota. Somado a isso, havia também outra preocupação envolvendo as outras turmas. Já que o trabalho estava sendo realizado somente em uma turma, as condições de avaliação não eram as mesmas em todas as turmas. Para justificar esse momento do estudo, disse que os alunos que não fossem liberados ou se a turma toda não pudesse comparecer ao evento não haveria problema. O ideal era a presença de todos eles, pois todo o trabalho foi realizado pelos alunos e eram eles que deveriam fazer a apresentação.

São alunos pesquisadores. Numa eventual impossibilidade de obter a liberação dos alunos, eu mesmo ficaria encarregado de apresentar o trabalho, pois a orientadora de pesquisa já havia dito que caso eu não conseguisse levar quatro, cinco ou seis alunos eu assumiria a posição deles.

Finalmente, a Diretora disse que não poderia permitir que qualquer aluno se deslocasse até o Rio de Janeiro. A liberação dos alunos pela escola envolveria uma série de procedimentos incluindo escola, funcionários, responsáveis, condução ou transporte, etc. E todas essas medidas não poderiam ser tomadas de repente. O próximo passo seria apresentar todo o trabalho para a turma e estimulá-los a dizer se poderíamos chegar a uma conclusão no que diz respeito à condição do uso do livro em sala.

Por fim, o trabalho foi exposto no 9º Encontro Anual de Prática Exploratória na PUC-Rio. As ilustrações e comentários produzidos pelos alunos foram dispostos num mural para apreciação do público presente no evento. Fiquei encarregado de realizar explicação do trabalho em si para àqueles que manifestaram interesse em interagir de forma mais expressiva com o que fizemos em sala de aula a respeito da circunstância envolvendo o livro didático de inglês na escola.